

Boca Suja

Texto base: Efésios 4.29-30

I. Introdução

Quero começar com uma frase que li de Victor Klemperer, professor alemão de filologia, o estudo da linguagem. Ele escreveu isto: "a linguagem revela. Por vezes, alguém procura esconder a verdade por meio da linguagem. Mas a linguagem não mente." Pense nisso um instante. Podemos disfarçar muita coisa com roupa, com sorriso, com aperto de mão. Mas a nossa forma de falar, mais cedo ou mais tarde, mostra quem realmente somos.

Deixem-me contar-vos algo pessoal. Vivi sete anos no Brasil. Sete anos, tempo mais do que suficiente para me habituar ao ritmo, às gírias, ao dia a dia de lá. E, ainda assim, bastava eu abrir a boca para que alguém, numa loja, num táxi, numa fila qualquer, perguntasse: "você não é daqui, né? Fala diferente." Sete anos não foram suficientes para apagar aquilo que a minha forma de falar denunciava sobre a minha origem.

E eu pergunto-vos hoje: será que nós, discípulos de Jesus, temos um sotaque assim? Não um sotaque regional, mas um sotaque espiritual. Uma forma de falar que revela, sem precisarmos de anunciar, que pertencemos a outro reino. Não estou a falar de jargão religioso, do tal "evangeliquês" cheio de expressões que só quem já está dentro entende. Estou a falar de um sotaque feito de graça, de bondade, de palavras que edificam em vez de destruir. Porque se, depois de anos a viver no meio do mundo, ninguém consegue notar, pela forma como falamos, que pertencemos a um lugar diferente, talvez o problema não seja o sotaque do mundo. Talvez seja a falta do nosso.

É sobre isso que quero falar hoje: sobre a nossa boca, sobre a nossa língua, sobre aquilo que ela revela do nosso coração.

II. De onde vêm os palavrões — três raízes culturais

Antes de irmos à Palavra, precisamos de entender por que razão isto se tornou tão normal entre nós. E há três raízes bem presentes na nossa cultura.

A primeira é a apropriação cultural. Aprendemos por imitação, sem sequer pensar nisso. Uma criança de três, quatro anos, pode já ter três palavrões em cada cinco palavras, sem fazer a menor ideia do que está a dizer, apenas a replicar aquilo que ouve em casa ou na rua. Não é preciso ensinar deliberadamente; basta o ambiente. E, com o tempo, aquilo que era estranho torna-se normal, e aquilo que era normal torna-se invisível.

A segunda raiz é o que podemos chamar de cristianismo freestyle: um cristianismo que usa a linguagem vulgar quase como ferramenta evangelística, na lógica de que, para nos conectarmos com o mundo, precisamos de falar a língua do mundo. Já existem, inclusive, paráfrases da Bíblia que colocam palavras de baixo calão na boca de Jesus, para que Ele soe "relevante" às pessoas de hoje.

Mas não precisamos de ser iguais ao mundo para alcançar o mundo. Atraímos as pessoas pela diferença, não pela semelhança.

A terceira raiz é o conservadorismo desbocado, e aqui quero partilhar algo que li e que me tocou profundamente. Um pregador contou que, no início do seminário, se interessou por política através de amigos cristãos, e foi conhecendo de perto certo movimento conservador, primeiro pelas leituras, depois pelo relacionamento directo. E o que encontrou foi uma nova espécie de conservadorismo: o conservadorismo de quem defende a centralidade da família já no segundo casamento. O conservadorismo de quem faz discursos bonitos sobre moral pública enquanto fala de forma indecente com mulheres casadas. O conservadorismo de quem louva a razão em sessões frequentes de embriaguez. O conservadorismo que acredita na igreja, mas rejeita Deus e a santidade prática.

Ele acabou por se afastar desse tipo de movimento, e chegou a uma conclusão dura, mas necessária: conservadorismo não salva, não transforma, não cura a alma. Muda-se a casca, pinta-se o sepulcro, mas o coração rebelado contra Deus continua lá dentro. Não precisamos de assumir o pecado como arma política, porque somos, acima de tudo, cidadãos de um reino diferente, pautados pela ética de Cristo, e não pela política, pela cultura, ou pela conveniência evangelística.

III. O que a Escritura diz — a teologia de Paulo sobre a língua

Vamos agora à Palavra, e vamos percorrer quatro cartas onde Paulo trata directamente deste assunto.

Efésios 4.29-30 — *não saia da boca de vocês nenhuma palavra torpe, mas unicamente a que for boa para a edificação, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que ouvem. E não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção.*

A palavra grega traduzida por "torpe" é *saprós*, que significa algo apodrecido, corrompido, sem valor, estragado. Não é apenas má educação. É algo que faz mal, como comida estragada faz mal ao corpo. E repare: Paulo não diz apenas "não digam palavras torpes"; ele pede uma substituição activa: digam palavras que edificam, que transmitem graça. O problema não é apenas o que tiramos da nossa boca; é o que colocamos no lugar.

Efésios 5.3-4 — *não haja obscenidade, nem conversas tolas, nem gracejos imorais, que são inconvenientes; mas antes disso, ações de graças.*

Ao juntar estas duas passagens, chegamos a algo importante: as palavras torpes, na teologia de Paulo, referem-se especificamente à imoralidade sexual. Não é coincidência. Uma escritora chamada Norma Braga escreveu sobre o momento em que percebeu isto com clareza, depois de tentar, sem sucesso, justificar o seu próprio hábito de praguejar em momentos de raiva. Ela escreveu: "percebi que todos os palavrões, dos menores aos maiores, têm algo em comum: remetem invariavelmente ao sexo... A conclusão é inevitável e aterradora: palavrões são formas de perversão. Se Deus criou o sexo como a expressão máxima do amor entre um homem e uma mulher, é de um profundo desamor que nascem as aberrações sexuais." Pense nisso: ninguém xinga dizendo "a tua mãe é fiel ao teu pai." O palavrão está sempre associado a uma distorção daquilo que Deus criou como bom.

Colossenses 3.8-10 — abandonem... ira, indignação, maldade, blasfémia, linguagem obscena no falar... uma vez que já se despiram do velho homem e se revestiram do novo homem.

A linguagem obscena está associada aqui ao velho homem, àquilo que já devíamos ter deixado para trás na conversão. Se Cristo transformou de facto a nossa vida, essa transformação alcança também a língua. Lembro-me da história do futebolista Kaká: depois de perder um golo decisivo numa Copa do Mundo, soltou um palavrão visível nas câmaras, e no dia seguinte a imprensa inteira comentou o caso, precisamente porque a sua linguagem habitual era tão distinta da dos outros jogadores que aquele deslize se tornou notícia. É triste pensar que, hoje, a linguagem de muitos crentes já esteja tão comprometida que mais um deslize nem sequer se note.

Tito 2.7-8 — linguagem sadia e irrepreensível, para que o adversário seja envergonhado, não tendo nada de mal a dizer a nosso respeito.

Repare no alvo: não é apenas edificar o irmão, é deixar o adversário sem munição. Se alguém que nos quisesse mal ouvisse cada palavra que dizemos durante uma semana inteira, teria com que nos acusar?

Filipenses 4.8 — tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é puro... seja isso que ocupe o pensamento de vocês.

E antes que a língua fale, o pensamento já decidiu o que vai sair. A vontade de praguejar não nasce directamente na língua; nasce primeiro no pensamento. Se o pensamento já está sujo, a única razão para a palavra não sair é o autocontrolo momentâneo, não a pureza real do coração.

IV. Um sinal que nos denuncia

Mateus 26.73-74 — os que ali estavam se aproximaram de Pedro e disseram: certamente você também é um deles, pois o seu modo de falar o denuncia. Então ele começou a amaldiçoar-se e a jurar: não conheço esse homem! Nesse instante, um galo cantou.

Repare bem no detalhe: não foi o rosto de Pedro que o denunciou, nem a sua roupa, nem a companhia em que andava. Foi a sua forma de falar, provavelmente o sotaque galileu, que o traiu como discípulo de Jesus. E a resposta de Pedro, ao perceber isso, é reveladora: para convencer os outros de que não tinha nada a ver com Cristo, começou a praguejar e a jurar. Ele trocou, por instinto, o vocabulário que o identificava como seguidor de Cristo por um vocabulário que o desligasse dEle.

Se a forma de falar de um crente é, ainda hoje, algo que os outros reconhecem, também é algo que, tal como Pedro, podemos escolher abandonar nos momentos em que preferimos não ser identificados com Jesus. E eu pergunto-vos: nos momentos em que estás no trabalho, no grupo de amigos, na discussão acalorada, a tua forma de falar ainda te identifica como discípulo? Ou já a trocaste, para caberes melhor onde estás?

V. Nem tudo o que soa mal é pecado

Quero ser cuidadoso aqui, para que ninguém saia daqui hoje a caçar palavras nos outros com régua na mão. Há quatro coisas importantes a distinguir.

Primeiro: muito do que julgamos ser "palavrão" é apenas linguagem informal, gíria, imprópria nalguns contextos, mas não obscena. Não devemos ofender-nos com facilidade só porque uma expressão soa mais crua do que aquela a que estamos habituados.

Segundo: algumas expressões são, na verdade, superstições culturais e regionais. Em certas regiões, o nome popular de uma doença é uma referência ao diabo; noutras, uma palavra é tratada como praguejar sem ser, de facto, uma obscenidade sexual. Estas expressões evocam sentimentos negativos, mas não são o mesmo que um palavrão.

Terceiro: muita coisa que se chama "palavrão" é, na realidade, apenas falta de educação, o que é diferente de pecado, embora ainda mereça cuidado, porque um crente mal-educado pode manchar o nome de toda uma igreja.

Quarto, e este é importante: a Escritura não condena toda a linguagem ofensiva; condena a obscenidade. O próprio Jesus chamou Herodes de "raposa"; chamou os fariseus, em Mateus 23, de hipócritas, de guias cegos, de sepulcros caiados, de raça de víboras. Nenhuma destas palavras é obscena; são linguagem de condenação justa, usada apenas quando apropriada, não um padrão para o dia a dia.

VI. Aplicação

Se um inimigo escutasse tudo o que digo numa semana normal, teria com que me acusar diante da minha própria igreja?

A minha linguagem no trabalho, ou entre amigos íntimos, é a mesma que uso dentro da igreja, ou vivo dois vocabulários diferentes?

O que ocupa, com mais frequência, o meu pensamento, antes mesmo de chegar à língua?

Porque, irmãos, o problema nunca foi apenas a palavra. O problema é sempre o coração de onde ela sai.

VII. Conclusão — lábios purificados

Quero fechar com a cena mais honesta de toda a Escritura sobre este assunto. O profeta Isaías teve uma visão: viu o Senhor assentado num trono alto e sublime, com serafins a voar ao redor, clamando "santo, santo, santo é o Senhor dos exércitos." E diante daquela santidade, Isaías não caiu de joelhos a confessar os seus grandes pecados de acção. Ele gritou algo mais simples, e mais aterrador:

Isaías 6.5 — *ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros.*

Diante da glória de Deus, foi a sua boca que Isaías primeiro reconheceu como impura. E então, um dos serafins voou até ele, trazendo na mão uma brasa viva, tirada do altar. Tocou com ela os lábios de Isaías, e disse:

Isaías 6.7 — *veja, isto tocou os seus lábios; a sua culpa foi removida, e o seu pecado, perdoado.*

Irmãos, o nosso Deus não é apenas um Deus que exige silêncio de nós. É um Deus que purifica lábios impuros. Ele não quer apenas calar a nossa boca; Ele quer transformá-la, para que volte a falar graça.

Por isso, hoje, o convite é este: que os nossos lábios nunca mais manifestem maldade. Que a nossa boca seja, cada vez mais, fonte de bênção, temperada com sal, atenta a quem ouve, os nossos filhos, os nossos cônjuges, os nossos colegas de trabalho. E que, em cada palavra que dissermos esta semana, o mundo consiga ouvir, no nosso sotaque, que pertencemos a Jesus.

Vamos orar.